

Quanto custa o lattes? Compreendendo a Pós-Graduação como Trabalho e suas Implicações na Saúde Mental de Pós-graduandos em Administração

How much do Lattes cost? Understanding Postgraduate Studies as Work and its Implications for the Mental Health of Postgraduates in Administration

Crislaine de Fátima Gonçalves Godke
Amanda Evelyn Brandão Pereira
Nayane Thais Krespi Musial
Luciana Klein

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender se os pós-graduandos se reconhecem e são reconhecidos como trabalhadores intelectuais e como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde mental desses trabalhadores. Como lente teórica, se adota a teoria do capital simbólico de Bourdieu e a corrente teórica desenvolvida por Christopher Dejours, em uma perspectiva paradigmática inserida no âmbito qualitativo da construção humana e social. A partir de um estudo qualitativo básico foram realizadas 12 entrevistas utilizando um roteiro semiestruturado com doutorandos de um PPG em administração de uma Universidade Federal brasileira, com aplicação da técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados revelam padrões comuns entre os pós-graduandos, apontando para a falta de reconhecimento como trabalhadores intelectuais. A concretização dessa identidade atravessa quatro perspectivas-chave: 1) reconhecimento pessoal; 2) reconhecimento legal; 3) reconhecimento social; e 4) reconhecimento institucional. Conclui-se que o adoecimento mental de pós-graduandos não é resultado de fragilidades individuais, mas sim das condições de trabalho às quais estão submetidos, moldadas por uma lógica produtivista e neoliberal que coloniza a vida acadêmica e transforma o conhecimento em mercadoria.

Palavras-chaves: Trabalho intelectual. Administração. Pós-graduação. Ambiente competitivo. Saúde mental.

Recebido em: 18/07/2024
Aprovado em: 20/03/2025

Laíze Almeida de Oliveira 
laizealmeida@gmail.com
Mestrado em Administração
Universidade Federal de Goiás – UFG
Lavras / MG – Brasil

Mônica Carvalho Alves Capelle 
edmo@ufla.br
Doutorado em Administração
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Lavras / MG – Brasil

ABSTRACT

The objective of this study was to understand whether postgraduate students recognize themselves and are recognized as intellectual workers, and how the dynamics of academic work affect their mental health. As theoretical lenses, the study adopts Bourdieu's theory of symbolic capital and the theoretical framework developed by Christophe Dejours, within a paradigmatic perspective situated in the qualitative field of human and social construction. Based on a basic qualitative study, twelve interviews were conducted using a semi-structured script with doctoral students from a graduate program in administration at a Brazilian federal university, employing thematic content analysis. The results reveal common patterns among the participants, highlighting a lack of recognition as intellectual workers. The construction of this identity involves four key dimensions: (1) personal recognition; (2) legal recognition; (3) social recognition; and (4) institutional recognition. It is concluded that the mental distress experienced by postgraduate students is not the result of individual fragilities, but rather of the working conditions to which they are subjected—conditions shaped by a neoliberal and productivist logic that colonizes academic life and commodifies knowledge.

Keywords: Intellectual work. Administration. Postgraduate studies. Competitive environment. Mental health.

Introdução

A universidade, como ambiente de estudo e trabalho, pode ser equiparada à estrutura organizacional de capital intelectual na qual o estudante se encontra inserido. Essa configuração organizacional engloba ações e decisões que influenciam profundamente a vida dos discentes, impactando, em muitos casos, seu cotidiano, como horários de despertar, saída, padrões de vestimenta, comunicação, comportamento, cognição e emoção (Anjos, 2013).

Essa relação entre a estrutura organizacional e a vida dos indivíduos encontra eco nas análises de autores como Karl Marx, que destacou a influência da estrutura econômica sobre a superestrutura social, incluindo em instituições como a educação. Marx (1867) também acreditava que o trabalho é fonte de valor e que os trabalhadores são os principais agentes que fornecem sua força de trabalho e criam valor nas instituições capitalistas, contribuindo para o funcionamento do sistema econômico. Por conseguinte, o sistema de produção molda a ideologia e a cultura de uma sociedade. Essa perspectiva pode ser aplicada à universidade

como uma instituição inserida em um contexto social e econômico mais amplo (Marx, 1867).

O ambiente acadêmico se encaixa nessa concepção do trabalho como uma arena de luta simbólica e social, onde os indivíduos competem por recursos e status. Nesse contexto, as escolhas de profissões e ocupações não são meras decisões individuais, mas são profundamente influenciadas por fatores sociais, tais como classe social, nível educacional, origem cultural e redes de contatos (Bourdieu, 1990).

O ato de estudar e trabalhar simultaneamente se revela como uma fonte de emancipação pessoal e construção de identidade. Portanto, o capital intelectual é notável por sua audaciosa busca em relacionar não apenas prazer e trabalho, mas também por desenvolver uma provocante proposta de emancipação, que traz consigo o potencial de gerar prazer e, ao mesmo tempo, desencadear sofrimentos criativos (Schaufeli e Taris, 2014).

Adota-se, neste estudo, uma abordagem interpretativa para compreender o trabalho e suas complexidades. Isso envolve também reconhecer o trabalho acadêmico como “trabalho”, bem como admitir a importância das experiências e percepções individuais dos trabalhadores no âmbito de sua formação na pós-graduação e como esses aspectos subjetivos podem não ser facilmente quantificados, mas são cruciais para uma compreensão abrangente.

Por conseguinte, este estudo adota como perspectiva teórica o conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu (1990) que pode se manifestar na forma de capital intelectual, cujo processo representa um ritual social de reconhecimento de cada indivíduo. Além disso, fundamenta-se na Teoria Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours (2012) que explora as interações entre trabalho, subjetividade e saúde mental. Essa teoria analisa como o trabalho impacta o bem-estar psicológico das pessoas, considerando tanto o prazer quanto o sofrimento no ambiente de trabalho, e como ele pode ser uma fonte de realização e angústia, promovendo o desenvolvimento do conhecimento.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que mais de 300 milhões de pessoas globalmente enfrentam a depressão, consolidando-a como a principal causa de incapacidade em escala mundial (OMS, 2018; Elhai et al., 2020). No panorama brasileiro, informações de um relatório da OMS, em 2017, indicam

que o país lidera em prevalência de depressão na América Latina, afetando 5,9% de sua população. Essa realidade ressalta o suicídio como a segunda principal causa de morte entre brasileiros de 15 a 29 anos (Global Health Intelligence, 2017). Segundo, Abreu et al. (2021), há uma alta prevalência de risco de suicídio entre pós-graduandos stricto sensu, com uma taxa de 40,18%. Fatores como idade acima de 30 anos, falta de prática religiosa, sintomas de depressão e ansiedade, uso de psicofármacos durante o curso, ausência de trabalho acadêmico significativo e inspirador, relacionamento inadequado com colegas de pós-graduação, problemas familiares decorrentes das demandas do curso e preocupações financeiras mostraram associação estatisticamente significativa com esse risco. Tais constatações reforçam a relevância de se pesquisar possíveis relações entre a participação na pós-graduação e o impacto no bem-estar psicológico dos pós-graduandos, manifestando-se no aumento dos níveis de estresse, ansiedade e depressão.

No Brasil, por exemplo, aproximadamente 10% da população, o que equivale a cerca de 23 milhões de pessoas, enfrenta a depressão, com 5 milhões delas vivenciando estágios moderados a graves da doença. Isso coloca o país em quinto lugar mundial em casos de depressão e em primeiro lugar no que diz respeito aos transtornos de ansiedade. De forma alarmante, um estudo recente realizado pela UFRJ com 85 mil jovens, com idades entre 12 e 17 anos, revelou que 30% deles enfrentam transtornos mentais comuns, como tristeza frequente, falta de disposição e dificuldade de concentração. Esses sintomas, se não tratados de maneira adequada, podem evoluir para distúrbios mais graves, incluindo o preocupante risco de suicídio (Costa e Nebel, 2018).

Essa abordagem também desempenha um papel significativo na conscientização sobre a importância da preservação do bem-estar psicológico entre esses trabalhadores da pós-graduação, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente ao ODS 3 - Saúde e Bem-estar. Destaca-se, ainda, o papel crucial das universidades na promoção do bem-estar social e humano. Tornando mais evidente que o desenvolvimento sustentável não é viável sem a consideração da saúde mental, especialmente em um cenário pós-pandêmico, no qual a ansiedade e a depressão continuarão a afetar as pessoas. Além disso, a pesquisa proporciona uma oportunidade valiosa para aprimorar o planejamento estratégico do programa de pós-gra-

duação em administração da universidade federal pesquisada, incluindo o cuidado com a saúde mental de seus integrantes como aspecto indissociável do trabalho na pós-graduação.

Assim, esta pesquisa possui dois objetivos: (i) compreender se os pós-graduandos pesquisados se reconhecem e são reconhecidos como trabalhadores intelectuais e (ii) compreender como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde mental desses trabalhadores. Para atingir esses objetivos, é imperativo abordar as seguintes questões de pesquisa: Q1: Como o processo para ampliação do capital intelectual dos trabalhadores de pós-graduação pode ser reconhecida como uma forma de trabalho intelectual? Q2: Como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde mental dos trabalhadores intelectuais?

Este artigo está estruturado em quatro seções distintas. A primeira seção aborda o referencial teórico, fornecendo uma contextualização sobre o Trabalho Intelectual na Pós-Graduação à luz do Capital Simbólico de Pierre Bourdieu, além de discutir a Saúde Mental dos Trabalhadores de Pós-Graduação na Perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours. A segunda seção detalha os métodos e técnicas empregados nesta pesquisa qualitativa. Em seguida, a terceira seção apresenta os dados coletados, os resultados obtidos e as discussões decorrentes desses achados. A última seção do artigo consiste nas considerações finais, onde são abordadas as principais contribuições e as limitações do estudo e oferecidas sugestões para pesquisas futuras. Este encerramento proporciona uma síntese coerente das principais conclusões, proporcionando uma visão abrangente do trabalho desenvolvido.

Referencial Teórico

O TRABALHO INTELECTUAL NA PÓS-GRADUAÇÃO À LUZ DO DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE CAPITAL SIMBÓLICO DE PIERRE BOURDIEU

As universidades historicamente desempenham as funções de ensino e pesquisa, e, desde o século XIX, incorporaram a extensão como uma terceira missão, visando integrar academia e sociedade. No Brasil, segundo a LDB (Lei nº 9.394/1996), as

universidades públicas têm como objetivo oferecer ensino superior gratuito e de qualidade, produzir conhecimento e atuar socialmente. Contudo, têm enfrentado desafios crescentes para cumprir essa missão, especialmente devido à pressão financeira e à influência de políticas neoliberais (Ross & Gibson, 2007; Martin-Sardesai et al., 2021). Cortes orçamentários, evasão estudantil, necessidade de modernização e inclusão social dificultam a manutenção de uma educação pública democrática e comprometida com o desenvolvimento do país.

Ao mesmo tempo, a globalização tem promovido uma convergência política que resulta na adoção de medidas semelhantes em várias nações. No cenário brasileiro, a educação superior passou por uma transição marcada pela rápida expansão do número de instituições e vagas, pela adoção de políticas de diversificação (como a criação de novos tipos de instituições e cursos) e por esforços de democratização do acesso, especialmente por meio de ações afirmativas e programas de financiamento estudantil. No entanto, esse processo ocorreu sob forte influência da centralização estatal, que impôs diretrizes, avaliações e regulamentações que moldaram o crescimento do setor, tanto nas universidades públicas quanto nas privadas (Bittencourt & Pereira, 2022). Esse movimento é detalhado, por exemplo, no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que revela como o Estado atua como agente central no direcionamento das políticas de qualidade, expansão e acesso no ensino superior brasileiro.

Essa expansão também se reflete no sistema de ensino de pós-graduação do Brasil, o qual abrange uma ampla diversidade de áreas e programas acadêmicos em diferentes níveis, que vão desde cursos de aperfeiçoamento até o doutorado, englobando especializações e mestrados. De acordo com os dados de 2021 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES/MEC), o Brasil conta com um total de 122.295 estudantes matriculados em programas de pós-graduação. Desse total, 76.323 estão cursando mestrado acadêmico, 4.008 participam de programas de mestrado profissional e 41.964 estão no doutorado (Capes, 2021).

É importante destacar que, apesar desse potencial intelectual, a profissão de pesquisador ainda não é regulamentada no Brasil. No entanto, o Projeto de Lei nº 1104/2023 está em tramitação no Congresso Nacional que visa regulamentar o contrato de pesquisador pós-graduando. Esse projeto busca garantir que es-

tudantes de pós-graduação e bolsistas que conduzem pesquisas tenham todos os direitos trabalhistas assegurados por lei. Atualmente, esses profissionais, que contribuem para o avanço do país por meio de pesquisas financiadas, não têm seus direitos reconhecidos, o que resulta na desvalorização e no não reconhecimento efetivo dessa categoria como trabalhadores (Brasil, 2023).

[A legislação trabalhista a previdenciária não protege nossos jovens pesquisadores acadêmicos. Esse vazio legal talvez decorra de uma certa ênfase no vínculo empregatício como fator de direitos. Dessa forma, estudantes e pesquisadores, que tanto representam para o desenvolvimento humano e tecnológico do nosso País, perdem a contagem de um tempo relevante de suas vidas para fins de benefícios previdenciários e direitos trabalhistas] (Brasil, 2023).

Apesar da falta de regulamentação específica da profissão de pesquisador, existem órgãos de fomento à pesquisa, considerados órgãos de promoção e não de regulação da pesquisa no Brasil, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a CAPES, que apoiam e financiam as pesquisas no Brasil (Souza, Silva & Serpa, 2023). Nessa seara, figura a Plataforma Lattes, um sistema de currículos virtual, concebido e mantido pelo CNPQ que opera como um mecanismo de integração das bases de dados curriculares, grupos de pesquisa e instituições. Essa plataforma é de suma importância na disseminação das trajetórias e produções acadêmicas de pesquisadores e estudantes no país. Contudo, embora sua missão seja central para a promoção da pesquisa, essa plataforma (e a sua necessidade de atualização constante), por vezes, é percebida como fonte de pressão para os profissionais da pesquisa acadêmica (Souza, Silva & Serpa, 2023).

Os requisitos burocráticos rígidos adotados pelas instituições fomentadoras de pesquisa podem ter um impacto significativo nas práticas dos pesquisadores, limitando sua autonomia e dificultando o acesso a financiamento e capacitação, o que, por sua vez, prejudica a criatividade e a inovação na pesquisa (Souza, Silva & Serpa, 2023).

Nesse cenário, o conceito de capital simbólico de Bourdieu abrange o prestígio, o reconhecimento e o poder que certos grupos ou instituições detêm na sociedade devido ao seu controle sobre a produção e disseminação do conhecimento e da cultura. Dessa forma, as elites econômico-políticas que dominam a informação e

moldam o conhecimento exercem uma influência significativa na acumulação desse capital simbólico, o qual, por sua vez, impacta diretamente sua posição de poder na sociedade (Del Mar & Andreu, 2017).

O capital simbólico assume múltiplas formas, englobando, não apenas o capital social e cultural, mas também o capital intelectual, entre outros (Souza, 2014). Nesse contexto, o capital intelectual se encontra intrinsecamente vinculado ao conhecimento que um indivíduo acumula, seja por meio de estudos independentes ou por frequentar instituições educacionais, como escolas, faculdades e cursos que, ao término do processo, conferem certificados ou diplomas de conclusão (Souza, 2014). Esse procedimento representa um ritual social no qual o indivíduo, por meio de sua interação com as instituições de ensino, evidencia sua competência para a realização de tarefas específicas. Pierre Bourdieu conceitua esse fenômeno como um “rito de investidura” (Bourdieu, 2001).

Entretanto, o emprego da terminologia “capital intelectual” neste artigo suscita questões de natureza problemática por diversas razões. Isso se deve ao fato de que a palavra “intelectual” surge em contextos como “trabalho acadêmico” ou “temas acadêmicos”, onde seu significado difere substancialmente (Rowlands, 2018). Portanto, ao longo deste trabalho, quando feito o uso da expressão “capital intelectual” no sentido bourdieusiano, se está, de fato, referindo ao processo de aquisição do capital intelectual pelos doutorandos.

O capital intelectual se expressa em várias dimensões, incluindo liderança em unidades de pesquisa, participação em academias científicas, docência em instituições de ensino superior orientadas para a pesquisa, publicação em editoras acadêmicas renomadas e apresentação de pesquisas em conferências internacionais (Bourdieu, 1988, p. 40). No ambiente universitário, o capital intelectual está ligado às atividades de ensino e pesquisa, pressupondo que aqueles envolvidos nesses domínios são mais capacitados para definir os objetivos acadêmicos e estratégias para alcançá-los (Salter & Tapper, 2002; Rowlands, 2018).

No entanto, nesse ambiente de trabalho intelectual acadêmico, a competição não é uma novidade e sistemas institucionais como a Plataforma Lattes têm desempenhado um papel cada vez mais significativo na intensificação dessa competição, por meio da introdução de mecanismos de medição, monitoramento e geração de relatórios. Essa tendência tem se tornado mais evidente nos últimos anos, com

esses processos refletindo e reproduzindo as práticas de avaliação e classificação acadêmica, tanto em âmbito nacional quanto internacional (Rawolle & Lingard, 2013; Reay, 2015).

Como resultado, os acadêmicos se engajam nesse jogo competitivo (Bourdieu, 1990), embora frequentemente de maneira relutante, em parte, devido aos impactos mensuráveis que essas atividades têm em modelos de carga de trabalho acadêmico, promoções e solicitações de bolsas de pesquisa, entre outros fatores (Leišytė, 2016; Rowlands, 2018). Esse ambiente competitivo pode, por sua vez, contribuir para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, uma questão que será explorada com mais detalhes na próxima seção.

A SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO DE CHRISTOPHE DEJOURS

Nos últimos anos, o interesse crescente nos estudos relacionados ao mundo do trabalho, especialmente na Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, tem ocupado um lugar de destaque em congressos nacionais e internacionais. Esta abordagem oferece uma perspectiva inovadora sobre a subjetividade no trabalho, permitindo analisar as expressões, experiências e sentimentos no ambiente laboral (Bueno & Macêdo, 2012).

Nessa jornada intelectual de Dejours, os alicerces estão fincados nos elementos fundamentais do trabalho para o indivíduo. A abordagem ontológica dessa questão transcende o escopo da proposta, destacando que o trabalho não apenas modifica o ser social, mas também postula que o corpo humano é uma fonte geradora de conhecimento. Essa perspectiva traz consigo a crucial distinção entre o trabalho prescrito e o trabalho real (Dejours, 2012). Uma vez que o conhecimento necessário para a execução do trabalho real emerge da inteligência inerente ao próprio corpo, e não da reflexão intelectual convencional (Rossato, 2001; Souza, 2023 e Rocha, 2023).

Dejours percebe o trabalho como um elemento crucial na preparação da saúde e identidade do sujeito, entendendo que sua influência não se restringe ao período formal da jornada de trabalho, mas se estende a todo o âmbito da vida familiar e aos momentos de não labor (Dejours, 1992, 1993, 1994).

Quando aplicado ao contexto dos trabalhadores de pós-graduação, o conceito de trabalho de Dejours (1987) pode oferecer uma perspectiva valiosa para compreender os desafios específicos que enfrentam, incluindo pressões acadêmicas intensas, solidão e preocupações financeiras. Isso se deve ao fato de que esses trabalhadores, reconhecidos como detentores do capital intelectual (Bourdieu, 1998), não adotam uma postura passiva diante dos desafios impostos pela estrutura acadêmica (Heloani & Lancman, 2004). Por essa razão, é raro considerar o trabalho como um elemento que não influencia a saúde mental (Dejours, 1999). O trabalho transcende a mera produção, pois representa também um processo de autoconstrução, transformação pessoal e formação de identidade.

Em uma sociedade marcada pelo desigual e combinado desenvolvimento econômico, a expansão da educação superior tem impactado profundamente a pós-graduação, que se destaca como um dos setores universitários mais afetados por esse crescimento. Nesse sentido, o desenvolvimento de elevada qualificação acadêmica pelo trabalhador intelectual requer um compromisso de vários anos após a graduação, abrangendo mestrado, doutorado e, em alguns casos, pós-doutorado, dependendo das normativas de cada instituição (Silva Júnior, 2017).

No entanto, esse percurso é permeado por uma intensa rotina caracterizada por prazos, créditos, editais, concursos, publicações e bolsas de pesquisa. Essa estrutura, enraizada na competição entre os trabalhadores intelectuais, frequentemente cria um ambiente propenso ao desenvolvimento de problemas de saúde mental, já que a pressão por desempenho e a ênfase na quantidade podem resultar em sentimento de insegurança e nervosismo (Silva, et al., 2022). Uma preocupação agravada pela falta de iniciativas institucionais para lidar adequadamente com esses problemas.

Esse cenário reflete uma cultura de produtivismo e precariedade já existente no ambiente acadêmico, que se agravou com a chegada da pandemia da COVID-19 e a necessidade de se adaptar a um “novo normal”. Em pesquisas realizadas antes do surgimento da pandemia (Patrus, Dantas & Shigaki, 2015; Costa & Nebel, 2018), apontavam para uma prevalência mais expressiva de questões relacionadas à saúde mental entre estudantes de pós-graduação em comparação com a população em geral.

Curiosamente, essas subjetividades são absorvidas pela incessante busca pelo “sempre mais” (Gaulejac, 2007, p. 173), o que tende a enfraquecer a pulsão política e desejada. A pressão por produtividade exacerbada contribui para esse

ciclo prejudicial, alimentando a cultura de “sempre mais” que, por sua vez, afeta a saúde mental dos trabalhadores de maneira negativa.

Essa perspectiva de adoecimento é objeto de investigação por diversos pesquisadores em âmbito global, como exemplificado no estudo conduzido por Evans et al. (2018) e publicado na revista *Nature*, que envolveu 2.279 estudantes de pós-graduação de mais de 26 países. Os resultados deste estudo revelaram que 39% dos pós-graduandos apresentaram sintomas de depressão, enquanto 41% relataram sintomas de ansiedade. Em comparação à população em geral, essas taxas são consideravelmente mais elevadas, que geralmente se situam em torno de 6%. Além disso, o estudo identificou grupos demográficos específicos, como transgêneros (com taxas de 55% para ansiedade e 57% para depressão), mulheres (43% e 41%), e homens (34% e 35%), que são particularmente suscetíveis a esses desafios de saúde mental.

Em outra pesquisa realizada nos Estados Unidos com 50 doutorandos em ciências da vida, focando na decisão de ocultar ou revelar a depressão entre eles, foi revelado que os estudantes de pós-graduação nessa área frequentemente compartilhavam seus sentimentos de depressão com seus colegas de curso (Wiesenthal, Gin & Cooper, 2023). Entretanto, constatou-se uma relutância por parte dos estudantes de pós-graduação em compartilhar sua depressão com os estudantes de graduação do seu grupo de pesquisa. Os doutorandos explicaram que o principal receio de revelar a depressão era o temor de serem julgados por seus orientadores acadêmicos. Isso evidencia que as complexas dinâmicas de poder entre os estudantes de pós-graduação, seus orientadores, seus colegas e seus pupilos de graduação desempenharam um papel significativo na determinação de por que eles optaram por revelar ou ocultar sua depressão em cada situação (Wiesenthal, Gin & Cooper, 2023).

Os resultados também apontaram que a percepção da escassez de recursos e o conhecimento limitado das intervenções disponíveis são fatores que podem contribuir para os desafios enfrentados na manutenção da saúde mental dos estudantes de pós-graduação. No entanto, uma das alternativas promissoras destacadas foi o uso de intervenções de saúde mental online, com a orientação de terapeutas (Moghimí et al., 2023).

Mais especificamente, os trabalhadores de pós-graduação enfrentam um conjunto singular de desafios ao fazer a transição da graduação para essa etapa acadêmica mais avançada. O ambiente da pós-graduação é notadamente exigente,

caracterizado por demandas intensas e expectativas elevadas em comparação com a graduação. A realização de um curso de mestrado ou doutorado envolve uma jornada árdua para jovens pesquisadores, que inclui a elaboração de dissertações ou teses, exames de qualificação, participação em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, cumprimento de créditos em disciplinas, publicação em revistas de alto impacto, defesas, entre outros desafios (Costa & Nebel, 2018).

Além disso, os trabalhadores também precisam lidar com dificuldades financeiras, questões familiares, desafios pessoais, aspectos emocionais, profissionais e até mesmo relacionamentos conjugais, criando um cenário complexo e multifacetado (Costa & Nebel, 2018). Para alcançar um nível elevado de qualificação acadêmica, eles dedicam muitos anos de suas vidas à formação. Após a graduação que, idealmente, leva cerca de 5 anos, os estudantes podem optar por cursar o mestrado (2 anos), doutorado (4 anos) e até mesmo pós-doutorado (que varia de 6 meses a 6 anos), dependendo dos regulamentos de cada instituição.

A estrutura da pós-graduação, fundamentada na competição entre os estudantes de mestrado e doutorado, cria um ambiente propício ao desenvolvimento de problemas de saúde mental. Essa competição acirrada muitas vezes desencadeia sentimento de insegurança e nervosismo, levando os estudantes a se concentrarem mais na quantidade do trabalho acadêmico em vez da qualidade das pesquisas científicas (Silva et al., 2022).

Esses elementos refletem como as condições de trabalho no ambiente acadêmico podem desencadear sofrimento psíquico, corroborando a teoria de Dejours sobre a relação entre trabalho e saúde mental. Isso ressalta a importância de abordagens terapêuticas e de apoio para lidar com as questões de saúde mental dos trabalhadores de pós-graduação, especialmente em face das complexas dinâmicas de poder e pressões econômicas presentes nesse contexto. A próxima seção apresenta o caminho trilhado para efetivação desta pesquisa.

Procedimentos Metodológicos

Nesta pesquisa, adota-se uma perspectiva paradigmática qualitativa, reconhecendo a complexidade das questões sociais. A abordagem epistemológica baseia-se nas

concepções de Dejours (1987) sobre o trabalho e no capital simbólico de Bourdieu (1990). Essa escolha vai além de uma mera praticidade, valorizando a compreensão profunda e interpretação contextual dos fenômenos estudados (Glückler, 2020; Spink & Menegon, 2013). O foco recai sobre os trabalhadores intelectuais da pós-graduação, que enfrentam desafios no reconhecimento de seu trabalho e questões de saúde mental. O método qualitativo “básico” foi escolhido para compreender os significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno estudado, buscando suas perspectivas e visões de mundo (Merriam, 1998; 2002).

Esta abordagem, amplamente difundida em várias áreas, incluindo a Administração, enfoca a compreensão das perspectivas e interpretações dos participantes (Godoy, 2005). Na pesquisa, visa-se compreender as experiências dos trabalhadores intelectuais na pós-graduação e seu impacto na saúde mental. Embora a Psicodinâmica do Trabalho seja reconhecida como uma abordagem teórica e metodológica, neste estudo, ela serve principalmente como base teórica para reflexões da pesquisa de campo. Adaptações à realidade brasileira são feitas, considerando que o método original proposto por Dejours não se ajusta inteiramente à realidade do Brasil (Giongo, Monteiro & Sobrosa, 2015; Pena & Remoaldo, 2019).

SELEÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA

O processo de seleção dos participantes foi realizado com diligência, considerando os princípios de relevância e acessibilidade. Doutorandos matriculados no Programa de Pós-Graduação em Administração de uma instituição pública brasileira foram selecionados, visando suas contribuições para o estudo. O recrutamento ocorreu por meio do WhatsApp, resultando em 12 participantes que concordaram em participar das entrevistas.

Para preservar a confidencialidade de suas identidades, optou-se por empregar pseudônimos como designações correspondentes. O uso de pseudônimos relacionados a filósofos está fundamentado no contexto do campo intelectual, refletindo a conexão dos entrevistados com a tradição filosófica e sua busca por uma identidade que sugere a profundidade e relevância do trabalho. Além disso, foi adotado um prefixo (e-) para facilitar a identificação dos entrevistados, os quais foram atribuídos conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Entrevistas conduzidas e Lista de Pseudônimos designados aos participantes.

Nº	Pseudônimo dos entrevistados	Local de coleta de dados	Data da entrevista	Duração
01	e-Sócrates	Online	20/10/2023	40:52
02	e-Platão	Presencial	24/10/2023	15:54
03	e-Aristóteles	Online	25/10/2023	14:18
04	e-Santo Agostinho	Online	25/10/2023	22:09
05	e-Descartes	Online	26/10/2023	19:16
06	e-John Locke	Online	28/10/2023	20:56
07	e-David Hume	Presencial	30/10/2023	22:25
08	e-Rousseau	Presencial	30/10/2023	31:35
09	e-Kant	Online	01/11/2023	33:49
10	e-Nietzsche	Presencial	01/11/2023	30:13
11	e-Foucault	Online	03/11/2023	01:02:02

Quanto aos critérios de exclusão, foram aplicadas as seguintes diretrizes: foram excluídos trabalhadores que estivessem afastados por razões de saúde ou que não estivessem cursando o programa no momento da realização das entrevistas; também foram excluídas pessoas com menos de 18 anos de idade, bem como trabalhadores de outros programas de pós-graduação que estivessem cursando disciplinas na área de administração.

COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com um roteiro de 20 questões baseado nos princípios do capital simbólico e da psicodinâmica do trabalho, distribuídas em cinco blocos distintos. Esse método proporcionou uma compreensão aprofundada e significativa das experiências dos participantes. Doze doutorandos foram selecionados após uma abordagem inicial via WhatsApp, seguida de comunicação telefônica para agendamento das sessões. As entrevistas ocorreram entre outubro e novembro de 2023, sendo sete virtuais e quatro presenciais, variando de 14 minutos e 18 segundos a 1 hora e 2 minutos de duração. As

transcrições foram registradas no Microsoft Office Word 365, totalizando 65 páginas, e posteriormente revisadas e analisadas detalhadamente. O delineamento da pesquisa seguiu princípios éticos, garantindo o consentimento informado e a confidencialidade dos participantes.

ANÁLISE DE DADOS

Neste estudo, utilizou-se a análise de conteúdo temática como técnica de análise de dados (Minayo, 2012). Esta abordagem, dividida em três fases - pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados -, permitiu uma análise detalhada dos dados coletados. (Minayo; Deslandes; Gomes, 2011). As categorias finais foram definidas com base nas fundamentações teóricas, e o conteúdo foi categorizado usando uma planilha do Excel. Na fase conclusiva, as informações foram consolidadas e interpretadas de forma reflexiva e crítica. A tabela 2 apresenta a articulação entre os objetivos, categorias temáticas de análise, subcategorias e os autores correspondentes que fundamentaram o estudo.

Esse alinhamento teórico-metodológico aprimorou a compreensão da interconexão entre os objetivos desta pesquisa, suas respectivas categorias de análise e a fundamentação teórica que respalda cada objetivo. Isso facilitou a implementação de uma abordagem aprofundada para explorar as experiências dos trabalhadores intelectuais do PPG em administração, capturando suas perspectivas de maneira detalhada e qualitativa. Para uma melhor visualização, neste estudo, foi adotado o modelo de codificação proposto por Merriam (2002).

Análise e Discussão dos Resultados

A primeira pergunta da pesquisa explora como o processo para ampliação do capital intelectual dos trabalhadores de pós-graduação pode ser reconhecida como uma forma de trabalho intelectual? Para responder a essa pergunta, identificaram-se temas compartilhados pelos pós-graduandos em suas experiências para lidar com as demandas acadêmicas e receber reconhecimento. Na Tabela 2, foram observados padrões comuns entre os pós-graduandos e, com base nessas categorias, foram agrupados à luz do conceito de capital simbólico de Bourdieu em cin-

Tabela 2. Categorias estabelecidas na Análise de Conteúdo das entrevistas efetuadas com os trabalhadores intelectuais

Questão de pesquisa	Objetivos	Categorias	Subcategorias	Autores
Q1: Como o processo para ampliação do capital intelectual dos trabalhadores de pós-graduação pode ser reconhecida como uma forma de trabalho intelectual?	compreender se os pós-graduandos pesquisados se reconhecem e são reconhecidos como trabalhadores intelectuais	CA1: Experiência de Trabalho Acadêmico e Demandas da Pós-Graduação	Posse trabalho	Del Valle, 2002; ,
			Formalização e regulamentação do trabalho	Bourdieu, 1987; 2001, Salter eTapper, 2002;
			Reconhecimento Pessoal	Rowlands, 2018
			Reconhecimento Social	
Q2: Como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde mental dos trabalhadores intelectuais?	Compreender como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde desses trabalhadores intelectuais	CA 2: Psicodinâmica do Trabalho e a Experiência de Prazer e Sofrimento no Trabalho Acadêmico	Prazer com o trabalho	Dejours, 2004a, 2004b; Giongo, Monteiro e Sobrosa, 2015; e Pena e Remoaldo, 2019.
			Sofrimento com o trabalho	
			Pressão acadêmica	
			Impactos na saúde mental	
CA 3: Impacto na Saúde Mental e Bem-Estar			Formas de lidar com a pressão acadêmica	
			Sugestões	

co subcategorias: Posse de trabalho; Formalização e regulamentação do trabalho (Reconhecimento legal); Reconhecimento Pessoal; Reconhecimento Social e Reconhecimento institucional.

CA 1: Experiência de Trabalho Acadêmico e Demandas da Pós-Graduação

A percepção do trabalho, tal como vivenciada na experiência do trabalho intelectual dos pós-graduandos, começa com a auto identificação como trabalhadores no ambiente acadêmico. Nesse contexto, o trabalho se caracteriza como “vivo” e se concebe como uma dimensão subjetiva que proporciona a emancipação do sujeito. No entanto, a experiência relatada pelos doutorandos e doutorandas, na maioria das vezes, não é considerada por eles e elas como uma vivência profissional, conforme evidenciado nas reflexões dos entrevistados e-Aristóteles, e-Platão, e-Rousseau, e-Santo Agostinho e e-David Hume. Pelo contrário, os questionamentos do sujeito a si mesmo revelam uma pausa de reflexão, como expresso por e-Santo Agostinho ao indagar “[...] *na pós ou fora?*,” indicando uma falta de auto identificação por não se reconhecer como um sujeito trabalhador na pós-graduação.

Outra identificação remete à perspectiva financeira, pela qual o recebimento de uma bolsa é visto como a contrapartida por prestação de serviço, caracterizando o trabalho como uma simples atividade laboral, conforme expresso por e-John Locke “[...] *mas sim porque eu recebo a bolsa* [...]”. Essa perspectiva reflete a ideia de que, ao receber uma compensação financeira para realizar uma atividade, o indivíduo passa a se considerar como um trabalhador, trazendo, assim, o trabalho para o campo material e visível. Nesses casos, a subjetividade atribuída ao trabalho, entendido como uma atividade viva, individual e subjetiva por natureza, não é plenamente percebida pelos pós-graduandos. O trabalho, em sua essência, não se encaixa na categoria do visível, caracterizando-se não apenas a uma atividade objetiva e tangível, mas também uma experiência pessoal e subjetiva (Dejours, 2012).

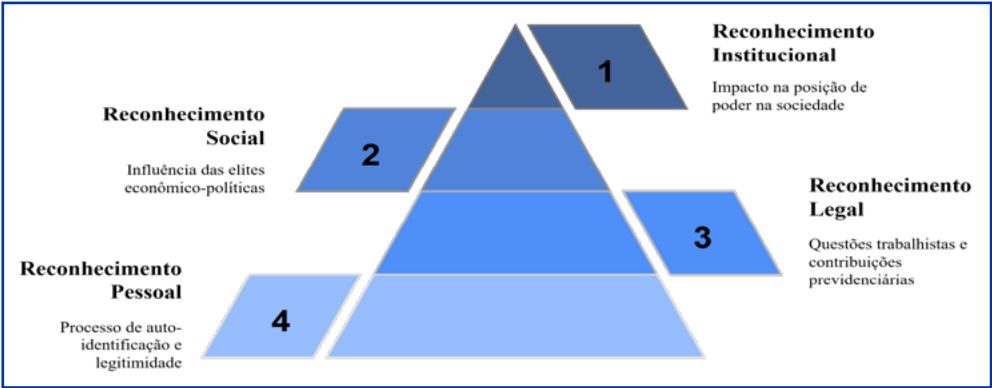
O reconhecimento do status de trabalhador, inicialmente, depende da auto identificação. Nesse aspecto, o papel do capital intelectual é notável por sua audaz busca por desenvolver uma provocante proposta de emancipação (Schaufeli & Taris, 2014). Porém, alcançar uma legitimidade e emancipação é um processo gradual como é para o entrevistado e-Foucault: “[...] *Vezes, eu preciso da pers-*

pectiva do outro para me ver. Trabalhador, entendi como as pessoas não me veem como trabalhador. Eu tenho dificuldade em me reconhecer”. E, muitas vezes, não percebido imediatamente ao iniciar, por exemplo, a pós-graduação.

Durante esse processo de legitimação, os professores desempenham um papel relevante ao reforçar a postura do trabalhador intelectual, conforme expresso por e-Kant: [...] “Eu comecei a pensar isso a partir de algumas professoras na pós que sempre começaram a reforçar isso para mim [...] nós somos trabalhadores, sim”. Essa atitude de reconhecimento pessoal, conforme delineado por Bourdieu (1990), conduz o trabalhador intelectual à sua emancipação individual. Isso ocorre porque o trabalho manifestado a partir de sua atividade intelectual representa um ritual social de reconhecimento para cada indivíduo.

Portanto, a partir desta análise identificou-se que a concretização e emancipação do indivíduo como trabalhador intelectual perpassa por quatro perspectivas fundamentais: **1) o reconhecimento pessoal; 2) reconhecimento legal; 3) reconhecimento social e o 4) reconhecimento institucional.** E como está ilustrado na figura 1.

Figura 1. Caminho para reconhecimento como trabalhador.



Fonte: elaborado pelas autoras (2024)

Dada a estas características, o reconhecimento pessoal percorre todo o processo de auto identificação até atingir a legitimidade, permitindo ao indivíduo reconhecer-se como um trabalhador, conforme detalhado anteriormente.

Nessa seara, o reconhecimento legal está intimamente ligado às questões trabalhistas, envolvendo horários definidos para iniciar e encerrar atividades, pausas e contribuições previdenciárias. Nesse contexto, destaca-se o papel das elites econômico-políticas que influenciam a acumulação de capital simbólico, impactando diretamente sua posição de poder na sociedade (Del Mar & Andreu, 2017).

Constata-se que, apesar de receberem bolsas, os pós-graduandos não têm acesso aos direitos trabalhistas, o que gera insegurança. Essa falta de garantias é percebida pelos doutorandos, refletindo uma dinâmica de poder na sociedade, conforme menciona e-Descartes: *“Começando pelos nossos direitos trabalhistas, que não temos”. E-Kant reforça: “[...] o trabalho está diretamente ligado à ideia de horário fixo! A formalização, à carteira de trabalho, questões trabalhistas... a partir do momento em que você contribui para o INSS.”*

No contexto jurídico brasileiro, a profissão de pesquisador acadêmico não recebe reconhecimento oficial, o que gera insegurança para os pós-graduandos que investem muitos anos de suas vidas nessa atividade sem obter qualquer reconhecimento formal de seu status como trabalhadores. Atualmente, encontra-se em tramitação no Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 1104/2023, que busca assegurar os direitos trabalhistas dos trabalhadores intelectuais. Isso não deixa de caracterizar o trabalho como tal, mesmo que não seja reconhecido, remunerado, visível, percebido e, muitas vezes, nem aceito. Uma vez que o trabalho não se restringe ao período formal da jornada de trabalho, mas se estende a todo o âmbito da vida familiar e aos momentos de não labor (Dejours, 1992, 1993, 1994).

Ou seja, o trabalho ultrapassa a característica laboral com horários fixos, jornada de trabalho de 40 a 44 horas semanais (Dejours, 1992, 1993, 1994). Mas, para os doutorandos, a ausência desse aspecto leva à falta de um reconhecimento social. As pessoas, sejam elas familiares ou mesmo a própria comunidade acadêmica, não reconhecem o pós-graduando como um trabalhador se não estiver sob o estigma da formalização trabalhista. Isso se revela claramente na fala de e-Sócrates: *“[...]as pessoas nem sabem a duração de um doutorado, o nível de exigência que é[...]”*. O que é desconhecido por grande parte da sociedade é que este trabalhador intelectual, para obter essa elevada qualificação acadêmica, requer um compromisso de vários anos após a graduação, abrangendo mestrado, doutorado e, em alguns casos, pós-doutorado, dependendo das normativas de cada instituição (Silva Júnior, 2017).

Devido à falta de reconhecimento de grande parte da sociedade - que não frequenta o meio acadêmico -esses trabalhadores vivenciam um total descrédito de seus esforços e são indagados constantemente sobre quando irão começar a trabalhar, como se já não trabalhassem, desqualificando sua atividade como trabalho intelectual. Portanto, para a maior parte do seu ciclo social, o doutorado é visto muitas vezes como um ritual de passagem em que é considerado por alguns como “capricho” e por outros como “falta de ocupação”.

Sob este aspecto, e-Sócrates manifesta sua insatisfação e incredulidade diante da falta de reconhecimento do seu trabalho: *“O que você vai fazer depois, né? [...] Eles acham, assim, que fazer uma pós-graduação significa que você só pode atuar depois”*. E isso, não é um fato isolado porque diz muito sobre a cultura de pós-graduação no Brasil que, embora em expansão, tem um limitado acesso a esse nível de instrução. Esses questionamentos vivenciados por todos os entrevistados são perpetuados como, por exemplo, é visto na fala de e-John Locke: *“A frase ‘Ah, mas você só estuda.’ É recorrente e isso mina demais a gente, porque não é só um estudo [...] você vai ficar só estudando até quando? Trabalhar também é importante. Depois que você se aposentar e tudo, sabe, esses tipos de comentários assim”*, confirma e-David Hume. Poucos sabem que, mesmo esperando reconhecimento das políticas públicas e das regras dos órgãos de controle, o saber essencial para realizar o trabalho vem da inteligência natural do nosso próprio corpo, não apenas da reflexão intelectual tradicional (Rossato, 2001; Souza, 2023; Rocha, 2023).

Outro tipo de reconhecimento destacado neste estudo é o institucional, especialmente no contexto acadêmico, onde a promoção cultural e intelectual deveria ser o local principal para reconhecer o pós-graduando como um trabalhador intelectual. No entanto, é exatamente nesse ambiente que muitas vezes falta esse reconhecimento, o que impede a emancipação do pós-graduando como indivíduo. É uma falta de reconhecimento que, embora esperado dada a expertise daqueles que contribuem para a ciência no Brasil, acaba gerando frustração. É compreensível que familiares e amigos possam não reconhecer devido à falta de entendimento, mas quando esse sentimento de reconhecimento esperado não é encontrado no ambiente acadêmico de pós-graduação, surge uma sensação de frustração, conforme expresso na fala de e-Foucault quando evidencia sua visão sobre o ambiente acadêmico: *“está cada dia mais hostil”*.

O reconhecimento em nível institucional funciona como uma espécie de moeda de troca, sendo composto, principalmente, por publicações. Ou seja, o valor e o reconhecimento são medidos pelo que você produz, conforme insatisfação apresentada na fala de e-Descartes: *“A gente destaca muito as publicações, né? Porque é a moeda... Às vezes, com as indicações que tem, então, isso vai realmente gerar esse sentimento de reconhecimento”*. Essa ideia é reforçada por e-John Locke, que destaca: *“O reconhecimento da instituição me dá a impressão de que, se estou na faculdade, estou sendo reconhecido como um aluno que produz, publicando constantemente. Caso contrário, não sou reconhecido”*.

Além de ser uma característica da instituição e do programa de pós-graduação que se está pesquisando, essa mentalidade está profundamente arraigada na pós-graduação stricto sensu. E-Foucault continua nessa linha, dizendo: *“É muito, muito enraizado no caráter do programa de pós-graduação. Espírito de competição”*. Os acadêmicos se envolvem nesse jogo competitivo (Bourdieu, 1990), embora muitas vezes relutantemente, em parte, devido aos efeitos mensuráveis que essas atividades têm em aspectos como carga de trabalho acadêmico, promoções e pedidos de bolsas de pesquisa, entre outros fatores (Leišytė, 2016; Rowlands, 2018).

Na vida acadêmica, ser reconhecido como um trabalhador intelectual envolve seguir um ritual institucional estabelecido ao longo dos anos pelos programas de pós-graduação. Mesmo que a necessidade de ser produtivo nem sempre seja natural na pós-graduação, existe uma forte pressão para atender às expectativas dos órgãos de fomento. Isso significa que os profissionais enfrentam uma carga considerável, como e-Descartes destaca: *“Às vezes, as demandas são tão grandes que nos fazem questionar... a ponto de sentir vontade de desistir.”*

As exigências burocráticas rigorosas adotadas por instituições acadêmicas impactam profundamente as práticas dos pesquisadores, potencialmente prejudicando a criatividade e a inovação na pesquisa (Souza, Silva & Serpa, 2023). Essa pressão é sentida também por doutorandos, como e-John Locke: *“Coloca umas métricas muito quantitativas... você tem que fazer um memorial, dizendo tudo o que você produziu. Então, nós somos cobrados? Muitos professores falam: queremos que vocês publiquem em periódicos de alto fator de impacto e em bons periódicos. Mas isso exige tempo e dedicação para que você entregue”*. E-Nietzsche denomina essa dinâmica como *“regras do jogo”*. Este ritual, fortemente influenciado pelas

elevadas demandas, é guiado pelo processo determinado pela CAPES, o órgão brasileiro de fomento à pesquisa. Esse processo, embora sujeito a lacunas, está firmemente institucionalizado no contexto da pós-graduação brasileira. O que representa uma verdadeira luta simbólica e social, onde os indivíduos competem por recursos e status, de acordo com regras do jogo previamente definidas pelos agentes de poder do campo (Bourdieu, 1990).

Na próxima categoria, será abordada a segunda pergunta de pesquisa: como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde mental desses trabalhadores intelectuais?

CA 2: Teoria Psicodinâmica do Trabalho e a Experiência de Prazer e Sofrimento no Trabalho Acadêmico

Ao explorar as dimensões de prazer e sofrimento segundo Dejours (2012) os pós-graduandos enfrentam pressões tanto do ambiente externo quanto interno. A busca pelo equilíbrio parece quase como um ato altruísta, algo que nem todos conseguem alcançar. É um desafio constante, mas importante, para manter o equilíbrio entre as demandas acadêmicas e a saúde mental. Essa dinâmica foi examinada por meio de categorias específicas: Psicodinâmica do Trabalho e a Experiência de Prazer e Sofrimento no Trabalho Acadêmico e o Impacto na Saúde Mental e Bem-Estar. A partir dessas categorias, foram identificadas seis subcategorias: Prazer com o trabalho; Sofrimento com o trabalho; Pressão acadêmica; Impactos na saúde mental; Formas de lidar com a pressão acadêmica e Sugestões.

Percebeu-se, pelas análises, que os pós-graduandos enfrentam uma competição inerente ao meio acadêmico, refletida em atividades como publicações, busca por bolsas e participação em congressos, impactando negativamente sua saúde mental. É por essa razão que é raro considerar o trabalho como um elemento que não influencia a saúde mental (Dejours, 1999). O trabalho transcende a mera produção, pois representa também um processo de autoconstrução, transformação pessoal e formação de identidade. A tristeza evidente na fala de e-John Locke revela o agravamento da ansiedade, especialmente durante o doutorado: “[...] já era uma pessoa que tinha um certo grau de ansiedade e acabou sendo exacerbado. Isso acabou ficando mais sério, mais grave [...] principalmente no doutorado [...] hoje eu

ainda estou em tratamento psicológico, diminuíram as minhas crises, mas... eu ainda tenho muitas crises de ansiedade". Este relato não é algo para ser subestimado. Nas entrelinhas das palavras tristes, há um desabafo e um pedido de socorro, refletindo a percepção lamentável de um ambiente acadêmico considerado altamente insalubre, conforme descrito na fala de e-Sócrates: *"[...] de repente você está se sentindo triste, perdido [...] todo mundo que entra na pós vai desenvolver uma depressão, alguma coisa assim".*

Portanto, a psicodinâmica do trabalho oferece uma visão importante para entender os desafios enfrentados pelos pós-graduandos, incluindo pressões acadêmicas, solidão e preocupações financeiras. Os trabalhadores estão em busca de ampliar seu capital intelectual e estão longe de serem passivos. O papel do trabalho intelectual na pós-graduação nunca é neutro; pode trazer tanto prazer quanto sofrimento, e como lidam com essa dinâmica determina qual sentimento se destaca mais. Mas também há muito prazer em ser um trabalhador intelectual. A maneira como vivem e produzem juntos é um elemento essencial nessa equação. Fazer parte de um grupo acadêmico possibilita compartilhar conhecimento e reconhecer as contribuições individuais no desenvolvimento de uma convivência moldada por uma história compartilhada (Moraes, 2023).

Para alguns, a pós-graduação era um sonho inalcançável, uma meta de vida, um momento realmente de realização pessoal na construção de sua identidade, como é para e-David Hume: *"Eu tenho o maior prazer de saber, de estar aqui[...] de estar produzindo. Isso é algo assim. Eu estou realizando, né?"*. Até mesmo um prazer voltado para a execução de suas atividades, como bem mencionado por e-Aristóteles: *"o meu prazer, assim, está mais ligado ao estar no campo, a poder perceber questões teóricas. Quando a gente está no campo, ter o contato. As pessoas. É, então, isso para mim é muito".*

Por outro lado, é importante salientar que o processo pode ser também desgastante, chegando à perda desse prazer, como para e-Foucault: *"E tem prazer? (Nesse momento soltou uma larga gargalhada) Mas eu já... eu já perdi essa percepção faz tempo. De prazer, de prazer. [...] acho que existe um certo prazer. Mas é um prazer de ser reconhecido".* E que pode estar presente em todo o percurso vivenciado na pós-graduação ou somente em momentos como ao final de cada etapa concluída, como detalha e-Platão: *"[...] olha, eu acho que, no fim das contas,*

o maior prazer, assim, que a gente tem é quando a gente conclui, né? Então, é bom quando você, você consegue vencer etapas, você consegue finalizar uma disciplina que você consegue aprovar trabalho, seja num periódico ou em algum evento”.

A visão desses trabalhadores muitas vezes se resume a uma abordagem de recompensa quantitativa pelos esforços, em que o próprio processo nem sempre é valorizado. A existência de competição entre os trabalhadores intelectuais cria um ambiente propenso a problemas de saúde mental, já que a pressão por desempenho e o foco na quantidade gera sentimento de insegurança e nervosismo (Silva et al., 2022). Seguindo uma perspectiva linear, desde o início até o fim, entrar na pós-graduação é associado ao prazer, enquanto todo o percurso é percebido como um processo doloroso, reconhecido como um “ritual de passagem”.

A falta de apoio financeiro e, especialmente, de reconhecimento contribui para a visão de mais sofrimento do que de prazer na pós-graduação, como menciona e-Kant: *“[...] eu acho que se eu conseguisse ver mais prazer no que eu faço, seria mais tranquilo. E por mais que a universidade às vezes ajude, não dá para custear tudo, então, tipo assim [...] é, se o dinheiro, vai dar para viver aqui [...] até o final, porque é uma cidade extremamente cara de viver [...] então, se tivesse facilitadores, né? Ao longo desse processo teriam mais prazeres do que sofrimento. Hoje eu enxergo a pós mais sofrimento do que prazer”.* Nesse contexto, a teoria de Dejours, reconhece que o foco excessivo na produtividade pode prejudicar a relação entre trabalho e bem-estar emocional. Por isso, é raro considerar o trabalho como um elemento que não influencia a saúde mental, visto que o ambiente de trabalho transcende a mera produção, envolvendo autoconstrução, transformação pessoal e formação de identidade (Dejours, 1999).

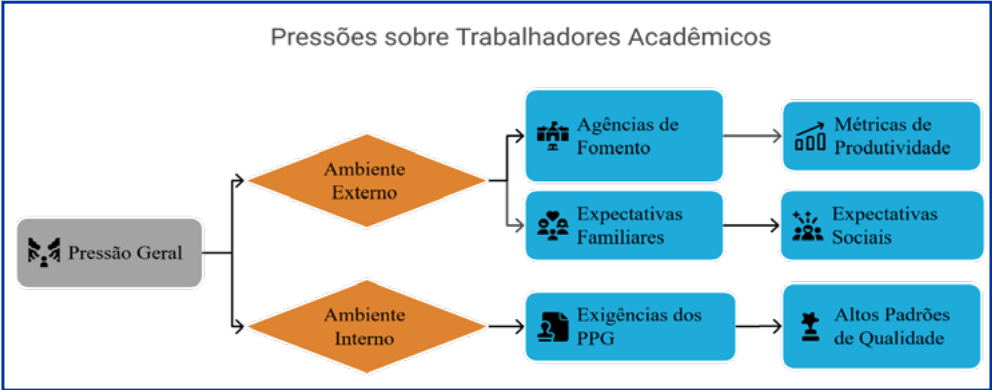
Não se trata apenas da falta de reconhecimento pelos esforços como trabalhadores. A perda da própria identidade como indivíduo impede esses pós-graduandos de terem uma experiência emancipadora, chegando ao ponto de se sentirem incapazes, gerando sentimentos de desvalorização do próprio trabalho. Nessas situações, desistir não é apenas um sinal; é a confirmação de que chegaram ao final, mas não com a sensação de prazer por ter concluído uma etapa, e sim com a materialização do sofrimento que isso acarreta.

Esse cenário reflete uma cultura de produtivismo e precariedade já existente no ambiente acadêmico, agravada pela chegada da pandemia da COVID-19.

Acerca desse período, houve diversas manifestações e reações, mas é unânime o sofrimento causado pelas pressões acadêmicas, como expressou e-Kant: “Na pandemia, enquanto eu estava surtando, eu fui conversar com o pessoal da pós. Eles tinham produzido excelentes artigos enquanto eu estava depressiva. Custando a entender o que estava acontecendo, eu me senti super mal por isso. A própria competitividade entre os alunos faz a gente ver o nosso trabalho como inferior, né?”. Enquanto isso, pesquisas já apontavam, antes mesmo do surgimento da pandemia, uma prevalência mais expressiva de questões relacionadas à saúde mental entre pós-graduandos em comparação à população em geral (Patrus; Dantas; Shigaki, 2015; Costa; Nebel, 2018).

Assim, os trabalhadores compartilham a preocupação geral sobre a sobrecarga de trabalhos fora da sala de aula, a leitura excessiva e a grande pressão para publicar artigos. Essa pressão vem de duas fontes principais: **1) do ambiente externo e 2) do ambiente interno**. Conforme ilustrado na figura 2.

Figura 2. Pressões sobre trabalhadores acadêmicos.



Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

No ambiente externo, agências de fomento e promoção da ciência no Brasil, como a CAPES, impõem métricas de produtividade. Além disso, familiares e a sociedade em geral esperam um resultado bem-sucedido, mesmo sem compreender totalmente o que acontece nesse processo. A própria sobrevivência do indivíduo e de sua família não deixam de cobrar durante o período do doutoramento. No am-

biente interno, as agências que promovem a pós-graduação estabelecem exigências específicas para os Programas de Pós-Graduação (PPG) alcançarem um alto padrão considerado de qualidade, e isso é repassado aos pós-graduandos. Esses pós-graduandos, por sua vez, se cobram internamente para manter um padrão exigido e aceitável pela comunidade acadêmica, como ilustrado pela experiência de e-John Locke: *“Eu quase desisti de continuar. Justamente por conta dessa questão de pressão, por não me achar o suficiente, por não gostar do que eu escrevi”*. Isso cria um ciclo vicioso. A pressão intensa por produtividade contribui para esse ciclo prejudicial, alimentando a cultura do “sempre mais”, que, por sua vez, impacta negativamente a saúde mental dos trabalhadores. O foco excessivo na produtividade pode distorcer a relação entre o trabalho e o bem-estar emocional (Dejours, 2004; Gaulejac, 2007), categoria detalhada na próxima parte.

CA 3: Impacto na Saúde Mental e Bem-Estar

Os relatos compartilhados por esses trabalhadores intelectuais refletem uma jornada que pode ser vista como muito prazerosa, mas que também desencadeia um grande sofrimento. Embora não haja uma fórmula mágica para passar por esse processo, buscar equilíbrio foi mencionado como uma maneira de vivenciar o trabalho e, finalmente, emancipar-se como indivíduo, como relata e-Sócrates: *“Então, sempre que surge aquele sofrimento, eu fico pensando, pensando, pensando, porque o sofrimento não ajuda em nada? Ele só atrapalha, então, eu acho que tem que tentar ter esse equilíbrio, porque se você começa a pensar demais no que está te preocupando, você nem consegue fazer alguma coisa”*.

A subjetividade atribuída ao trabalho está intimamente ligada à busca do equilíbrio entre prazer e sofrimento. Os pós-graduandos podem não perceber plenamente essa subjetividade porque estão mais focados nas demandas objetivas do trabalho acadêmico, mas é essencial reconhecer que o trabalho é uma experiência subjetiva que envolve tanto o prazer quanto o sofrimento, e que os indivíduos desenvolvem mecanismos para lidar com essas experiências de forma saudável e equilibrada.

Existem diversas estratégias (mecanismos) com quais os pós-graduandos lidam com o impacto sentido durante a pós-graduação, desde passeios com os cães até conversas com familiares, todas contribuindo para aliviar a tensão das pressões acadêmicas, conforme mencionado por e-Kant: *“Outra forma de eu lidar*

com o sofrimento foi o exercício físico. Foi uma maneira que eu encontrei quando começo a surtar com meus artigos; eu caminho, pego minha bicicleta, dou uma volta e continuo a escrever”. São pequenas atitudes que moldam a relação com o trabalho. Portanto, fazer parte de um coletivo acadêmico permite a partilha de conhecimento e o reconhecimento das contribuições individuais, moldando uma sociabilidade influenciada por uma história compartilhada (Moraes, 2023).

Esse espírito altruísta não é tão comum entre os pós-graduandos, não é por falta de vontade, mas sim pela dificuldade de se recuperar de tudo o que é vivido na pós-graduação. Relatos que vão desde ansiedade, depressão, uso de medicamentos até crises intensas de choro, sentimentos negativos e pensamentos de desistência foram as experiências mais comuns quando questionados sobre os impactos da pós-graduação em sua saúde mental. É considerado até mesmo como uma dinâmica destrutiva, conforme expresso por e-Foucault: *“É uma dinâmica destrutiva, né? Uma dinâmica. Isso afeta demais nossa saúde mental e nosso comportamento [...] levado para um quadro de depressão, ansiedade. Hoje não tenho mais depressão. Mas sofro de ansiedade. Assim, e agora no doutorado, também fiquei muito ruim”.* Os relatos evidenciam o impacto das condições de trabalho no meio acadêmico, resultando em sofrimento psicológico, o que sustenta a teoria de Dejours (2012). Dejours argumenta que o trabalho pode ser uma fonte tanto de prazer quanto de sofrimento para os trabalhadores.

A dinâmica vivenciada pelos pós-graduandos, como afirma Dejours (2012), não é uma postura passiva. A amplitude do que é o trabalho e as implicações na saúde desses trabalhadores perpassam por um processo de autoconhecimento. Dejours (2012) identifica uma série de mecanismos de defesa psicológica que os trabalhadores podem empregar para lidar com o sofrimento no trabalho. Isso inclui a negação, a racionalização, a sublimação, entre outros. Esses mecanismos ajudam os trabalhadores a enfrentar situações estressantes e a preservar sua integridade psicológica. A pós-graduação, à primeira vista, pode ser compreendida apenas como o pior lugar para se estar, no entanto, o trabalho é fonte de realização, mas também de angústia, sendo isso fundamental para o desenvolvimento do conhecimento dos trabalhadores intelectuais.

Um passo importante a ser dado seria repensar a cultura acadêmica, buscando maneiras mais sustentáveis de promover a pesquisa e o desenvolvimento aca-

dêmico, sem comprometer a saúde mental dos trabalhadores intelectuais. Alguns pontos de melhoria apontados pelos pós-graduandos incluem flexibilidade para entregar um artigo para duas disciplinas diferentes e a flexibilidade para abordar temas sensíveis que tratam da realidade do pós-graduando, como destaca e-Kant: *“Trabalhar com temas mais próximos da nossa realidade, eu acho que é algo que traria uma leveza maior”*. Nesse contexto, pode-se identificar as sugestões desses trabalhadores para vivenciar bem o processo da pós-graduação como um ato heroico de quem muitas vezes não se sente reconhecido. Dejours (2012) destaca também a importância de intervenções organizacionais para promover um ambiente de trabalho saudável e reduzir o sofrimento dos trabalhadores. Isso envolve a melhoria das condições de trabalho, o apoio psicossocial, a promoção da autonomia e do reconhecimento, entre outras medidas.

Pelos relatos, percebe-se que o simples ato de “escuta” faz toda a diferença nessa relação de prazer e sofrimento. A acolhida e o reconhecimento nesse momento abrem espaço para o desejo de acolhimento, permitindo que eles expressem suas experiências sem pressões, trazendo à tona esse processo subjetivo que jamais poderá ser quantificado, apenas sentido, conforme destaca Foucault: *“Devia ter mais ações, por exemplo, de extensão, mais comunicação com os alunos e ter suportes maiores, psicológicos, poderia ter. Uma atenção maior. Uma atenção efetiva com saúde mental”*.

e-John Locke complementa essa ideia, sugerindo que a universidade deveria oferecer mais questões de ajuda psicológica no núcleo, promovendo conversas e palestras para conscientizar os pós-graduandos sobre a importância do cuidado psicológico. Ele destaca que, muitas vezes, as pessoas só percebem que não estão bem quando atingem o limite, ressaltando a necessidade de cuidar da saúde mental desde o início. Em muitos casos, chega-se ao final do processo de pós-graduação e é somente nesse ponto que se reconhece o custo, o sofrimento e o prazer vividos. Apesar dos desafios para a saúde mental ao longo do caminho, o ambiente acadêmico proporciona encontros significativos e experiências valiosas que transcendem a obtenção de um diploma. Por isso, e-Kant enfatiza a riqueza das experiências além das formalidades acadêmicas, dizendo que *“literalmente viver não cabe no lattes”*.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivos compreender se os pós-graduandos pesquisados se reconhecem e são reconhecidos como trabalhadores intelectuais e compreender como a dinâmica do trabalho acadêmico afeta a saúde mental desses trabalhadores. Este estudo revela a importância de se repensar a cultura acadêmica e de se encontrar maneiras mais sustentáveis de promover a pesquisa e o desenvolvimento acadêmico sem comprometer a saúde mental dos envolvidos.

Partiu-se do pressuposto de que ninguém se torna um trabalhador; você já o é. O que pode acontecer é desencadear um ritual social de reconhecimento do próprio indivíduo, uma vez que não há necessidade de demonstração, pois é um pressuposto do corpo humano – fonte geradora de conhecimento. A execução do trabalho surge da inteligência do próprio corpo e não de reflexões convencionais. Portanto, o trabalho é vivo. Este estudo ofereceu também uma análise reflexiva sobre a realidade dos pós-graduandos, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados no ambiente acadêmico brasileiro.

O trabalho intelectual desempenhado pelos doutorandos revela-se fundamental não apenas para o desenvolvimento pessoal, mas também para a emancipação do indivíduo. Isso evidencia sua experiência subjetiva, que integra o prazer e o trabalho na busca pela emancipação. Essa abordagem não apenas ressalta o potencial de prazer nas atividades de pós-graduação, mas também reconhece que tal empreendimento pode desencadear sofrimentos criativos.

Os padrões identificados entre os pós-graduandos revelam que a ausência de reconhecimento como trabalhadores intelectuais está profundamente articulada às condições precárias e às exigências produtivistas que atravessam a formação acadêmica. Mais do que limitar a compreensão da dimensão emancipadora do trabalho, essa invisibilidade institucional e simbólica contribui para um cenário de sobrecarga, insegurança e sofrimento, que afeta a experiência cotidiana desses sujeitos. Os relatos dos participantes apontam que não é a falta de reconhecimento em si que gera sofrimento psíquico, mas sim a forma como esse não reconhecimento se materializa em exigências desproporcionais, competitividade exacerbada e desamparo institucional — elementos que tencionam o equilíbrio entre prazer e sofrimento no trabalho acadêmico e podem impactar a saúde mental de forma significativa.

Ao explorar as dimensões de prazer e sofrimento, conforme a abordagem de Dejours, percebeu-se que os pós-graduandos enfrentam pressões tanto do ambiente externo quanto interno, evidenciando o trabalho como fonte de realização e angústia, na promoção do desenvolvimento do conhecimento. Portanto, a busca pelo equilíbrio parece quase como um ato altruísta, algo que nem todos conseguem alcançar. Dito isto, a necessidade de regular a balança entre as demandas acadêmicas e a saúde mental é um desafio constante, mas essencial, enfrentado pelos doutorandos do PPGA.

Seguindo essa premissa, teoricamente, esta pesquisa contribui ao articular de forma original o conceito de capital simbólico de Bourdieu com a psicodinâmica do trabalho de Dejours, compreendendo o adoecimento psíquico de pós-graduandos como resultado das estruturas institucionais que invisibilizam o trabalho intelectual na academia. Do ponto de vista prático e institucional, a pesquisa evidencia a necessidade de reconfigurar a cultura organizacional dos programas de pós-graduação, ainda marcada pela lógica produtivista, pela pressão por desempenho e pela precarização. Socialmente, a pesquisa contribui ao evidenciar que o trabalho acadêmico desenvolvido na pós-graduação é atravessado por desigualdades, silenciamentos e formas de exploração simbólica.

Com base nos achados e nas lacunas identificadas na pesquisa sobre as condições de trabalho e experiências dos pós-graduandos, diversas áreas com potenciais direções para investigações futuras foram identificadas. Por exemplo, o impacto das políticas institucionais é um importante caminho para futuras pesquisas, visando investigar de que maneira essas políticas influenciam as experiências dos pós-graduandos, abrangendo aspectos como financiamento, prazos de conclusão, suporte à saúde mental e reconhecimento do trabalho acadêmico. Outro aspecto importante é realizar um estudo comparativo internacional para analisar as variações nas condições de trabalho e experiências dos pós-graduandos entre diferentes países, considerando elementos como cultura acadêmica, sistemas de financiamento e estruturas de apoio.

Por fim, o adoecimento mental de pós-graduandos não é resultado de fragilidades individuais, mas sim das condições de trabalho às quais estão submetidos, moldadas por uma lógica produtivista e neoliberal que coloniza a vida acadêmica e transforma o conhecimento em mercadoria. Defende-se a urgência de ações

institucionais e políticas que reconheçam os pós-graduandos como trabalhadores intelectuais, com direitos, limites e condições dignas de trabalho. A transformação necessária não é apenas no cuidado com os sintomas, mas na crítica e reestruturação do próprio modelo organizacional da pós-graduação, que atualmente naturaliza a precarização, a hiperexigência e o silêncio sobre o sofrimento. Tal reposicionamento exige enfrentamento político e coletivo, o que representa um desafio, mas também uma possibilidade de reconstrução de sentidos para o fazer acadêmico.

Referências

- Abreu, E., et al. (2021). Factores asociados al riesgo de suicidio en estudiantes de posgrado stricto sensu: Un estudio transversal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 29, e3460. <https://doi.org/10.1111/mm590/1518-8345.4590.3460>
- Anjos, J. J. T. dos. (2013). História das disciplinas escolares: Quatro abordagens historiográficas. *Reflexão e Ação*, 21(1es), 281–298. <https://doi.org/10.17058/rea.v21iesp1.0281>
- Barros, R. N. de, & Peixoto, A. de L. A. (2022). Integração ao ensino superior e saúde mental: Um estudo em uma universidade pública federal brasileira. Avaliação: *Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 27(3), 609–631. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300012>
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Editora Vozes Limitada.
- Bittencourt, Z. A., & Pereira, T. I. (2022). Educação superior em contexto emergente: A democratização da universidade brasileira em debate. *Revista Internacional de Educação Superior*, 8. <https://doi.org/10.20396/riesup.v8i0.8665194>
- Bourdieu, P. (1988). Program for a sociology of sport. *Sociology of Sport Journal*, 5(2), 153–161. <https://doi.org/10.1123/ssj.5.2.153>
- Bourdieu, P. (1990). *The logic of practice*. Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (1998). *The state nobility: Elite schools in the field of power*. Stanford University Press.
- Brasil. Senado Federal. (2023). *Projeto de Lei nº 1104/2023: Regulamenta o contrato de pesquisador pós-graduando*. <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/156207>
- Bueno, M., & Macêdo, K. B. (2012). A clínica psicodinâmica do trabalho: De Dejours às pesquisas brasileiras. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 306–318.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2021). *Número de pós-graduandos cresce no Brasil*. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/2583-sp-2021081601>
- Costa, E. G. da, & Nebel, L. (2018). O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis. Revista Latinoamericana*(50). <http://journals.openedition.org/polis/15816>

- Davies, B., & Bansel, P. (2007). Neoliberalism and education. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 20(3), 247–259. <https://doi.org/10.1080/09518390701281751>
- Dejours, C. (1988). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho* (p. 163).
- Dejours, C. (1992). *Investigaciones psicoanalíticas sobre el cuerpo: Supresión y subversión en psicossomática*. Siglo XXI.
- Dejours, C. (1993). Pour une clinique de la médiation entre psychanalyse et politique: La psychodynamique du travail. *Revue Trans*, 3, 131–156.
- Dejours, C. (1999). Nouvelles formes d'organisation du travail, souffrance au travail et orientation. *Questions d'orientation*, 62, 51–66.
- Dejours, C. (2004a). Activisme professionnel: Masochisme, compulsivité ou aliénation? *Travailler*, 11(1), 25–40.
- Dejours, C. (2004b). Le corps entre séduction et clivage. In *Résonances* (pp. 59–83). Érès.
- Dejours, C. (2006). *L'évaluation du travail à l'épreuve du réel: Critique des fondements de l'évaluation*. Quae.
- Dejours, C. (2012). Organisation du travail – Clivage – Aliénation 1. *Travailler*(2), 149–158.
- Dejours, C., & Molinier, P. (1994). Le travail comme énigme. *Sociologie du travail*, 35–44.
- Del Mar, B. M., & Andreu, R. C. (2017). Sociedad del conocimiento, capital intelectual y educación musical en el siglo XXI. *Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical*, 14, 47–59. <https://doi.org/10.5209/RECIEM.53380>
- Del Valle, L. T. G. (2002). *La canonización del diablo: Baudelaire y la estética moderna en España*. Editorial Verbum.
- Elhai, J. D., Yang, H., McKay, D., & Asmundson, G. J. G. (2020). Depression and anxiety symptoms are related to problematic smartphone use severity in Chinese young adults: Fear of missing out as a mediator. *Addictive Behaviors*, 101, 105962. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2019.04.020>
- Evans, T. M., Bira, L., Gastelum, J. B., Weiss, L. T., & Vanderford, N. L. (2018). Evidence for a mental health crisis in graduate education. *Nature Biotechnology*, 36(3), 282–284. <https://doi.org/10.1038/nbt.4089>
- Gaulejac, V. de. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social* (p. 338).
- Giongo, C. R., Monteiro, J. K., & Sobrosa, G. M. R. (2015). Psicodinâmica do trabalho no Brasil: Revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(4), 803–814. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-01>
- Glückler, J. (2020). Institutional context and place-based policy: The case of Coventry & Warwickshire. *Growth and Change*, 51(1), 234–255. <https://doi.org/10.1111/grow.12362>
- Godoy, A. S. (2005). Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Gestão. Org*, 3(2), 80–89.
- Guba, E. G., Lincoln, Y. S., & Denzin, N. K. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In *Handbook of qualitative research* (Vol. 2, pp. 105–163).
- Heloani, R., & Lancman, S. (2004). Psicodinâmica do trabalho: O método clínico de intervenção e investigação. *Production*, 14, 77–86. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>
- Lancman, S., & Sznclwar, L. I. (2004). *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (p. 346).

- Leisyte, L. (2016). New public management and research productivity – A precarious state of affairs of academic work in the Netherlands. *Studies in Higher Education*, 41(5), 828–846. <https://doi.org/10.1080/03075079.2016.1147721>
- Martin-Sardesai, A., Guthrie, J., & Parker, L. (2021). The neoliberal reality of higher education in Australia: How accountingisation is corporatising knowledge. *Meditari Accountancy Research*, 29(6), 1261–1282. <https://doi.org/10.1108/MEDAR-10-2019-0598>
- Marx, C. (1867). *El capital: Crítica de la economía política* (Tomo 3).
- Merriam, S. B., et al. (2002). Introduction to qualitative research. In *Qualitative research in practice: Examples for discussion and analysis* (Vol. 1, No. 1, pp. 1–17).
- Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education: Revised and expanded from "Case study research in education."* Jossey-Bass Publishers.
- Minayo, M. C. de S. (2012). Análise qualitativa: Teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 621–626.
- Minayo, M. C. de S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Moghim, E., Bolderston, A., Luctkar-Flude, M., Leung, F. H., & Guitard, S. (2023). Mental health challenges, treatment experiences, and care needs of post-secondary students: A cross-sectional mixed-methods study. *BMC Public Health*, 23(1), 655. <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15452-x>
- Naidoo, R. (2004). Fields and institutional strategy: Bourdieu on the relationship between higher education, inequality and society. *British Journal of Sociology of Education*, 25(4), 457–471. <https://doi.org/10.1080/0142569042000236952>
- Oliveira, S. D. (2023). O “novo normal” em foco: Diálogos críticos sobre normalidade com Cangulhem, Dejours e Lukács. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 13(39), 308–323. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7747801>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2001). *Mental health: New understanding, new hope*. World Health Organization. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2018). “Suicídio é grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade”, afirma OPAS/OMS. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>
- Patrus, R., Dantas, D. C., & Shigaki, H. B. (2015). O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: Uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos Ebape.BR*, 13, 1–18. <https://doi.org/10.1590/1679-39518866>
- Pena, L., & Remoaldo, P. (2019). Psychodynamics of work: A study on pleasure and suffering in teaching work at Universidade Óscar Ribas. *Saúde e Sociedade*, 28, 147–159. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170487>
- Rawolle, S., & Lingard, B. (2022). Bourdieu and educational research: Thinking tools, relational thinking, beyond epistemological innocence. In *Social theory and education research* (pp. 161–181). Routledge.
- Reay, D. (2015). Habitus and the psychosocial: Bourdieu with feelings. *Cambridge Journal of Education*, 45(1), 9–23. <https://doi.org/10.1080/0305764X.2014.990420>

- Rocha, R. (2023). O debate nas Ciências do Trabalho: Do que estamos falando? *Saúde e Sociedade*, 32, e210766pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210766pt>
- Rossato, E. (2001). As transformações no mundo do trabalho. *Vidya*, 19(36), 9. <https://doi.org/10.37781>
- Rowlands, J. (2018). Deepening understandings of Bourdieu's academic and intellectual capital through a study of academic voice within academic governance. *Studies in Higher Education*, 43(11), 1823–1836. <https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1284192>
- Salter, B., & Tapper, T. (2002). The external pressures on the internal governance of universities. *Higher Education Quarterly*, 56(3), 245–256. <https://doi.org/10.1111/1468-2273.00216>
- Silva, R. C., Santos, F. R., Ferreira, T. J. R., & Carvalho, R. N. (2022). Saúde mental e os desafios enfrentados pelos discentes de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. *Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud*, 33.
- Souza, A. M. F., Silva, R. C., Oliveira, F. S., & Almeida, D. R. (2023). Qualis no Lattes: Uma extensão para navegadores de internet que mostra automaticamente o índice Qualis (CAPES) no currículo Lattes. *Revista Foco*, 16(4), e1604. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n4-051>
- Spink, M. J. P., & Menegon, V. M. (2013). A pesquisa como prática discursiva [Research as discursive practice]. In *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 42–70).
- Taris, T. W., & Schaufeli, W. B. (2014). The job demands-resources model. In *The Wiley Blackwell handbook of the psychology of occupational safety and workplace health* (pp. 155–180). <https://doi.org/10.1002/9781118979013.ch8>
- Wiesenthal, N. J., Gin, L. E., & Cooper, K. M. (2023). Face negotiation in graduate school: The decision to conceal or reveal depression among life sciences Ph.D. students in the United States. *International Journal of STEM Education*, 10(1), 35. <https://doi.org/10.1186/s40594-023-00426-7>